

apresentações aconteciam como forma de protesto.” No centro do prédio, no lugar das cadeiras inexistentes, eles montaram Prometeu Acorrentado e nas Salas dos Espelhos, Cândido. O homem de teatro guarda uma experiência profissional interessante da apresentação do primeiro espetáculo. “A peça já estava montada e quando chegamos aqui, aquele prédio enorme, tudo ficou pequeno. Na hora nós fizemos mudanças. Ocupamos todos os espaços. O Poder vinha lá de cima, o Oceano saía de um balcão e percebemos uma nova intencionalidade. A

partir daquele dia, nós adotamos as mudanças e começamos a apresentar em quadras, conchas acústicas... Saiu dali uma outra concepção do espetáculo”.

Magno consegue enxergar as diferenças expostas pelo tempo. Aquela juventude, aqueles atores, aqueles grupos, pouco se parecem, na opinião dele, com esta juventude, com estes atores, com estes grupos. Mas não propõe grandes análises, acreditando não serem oportunas. As diferenças fazem parte da história. Nem sempre são ruins. Nem sempre são boas. Simples assim.



Foto: Ópera Café, direção cênica de José Maurício Cagno, apresentado no Theatro Pedro II, em 2007. Fotógrafo: Ibrahim Leão.



Jovenzinha e ativa

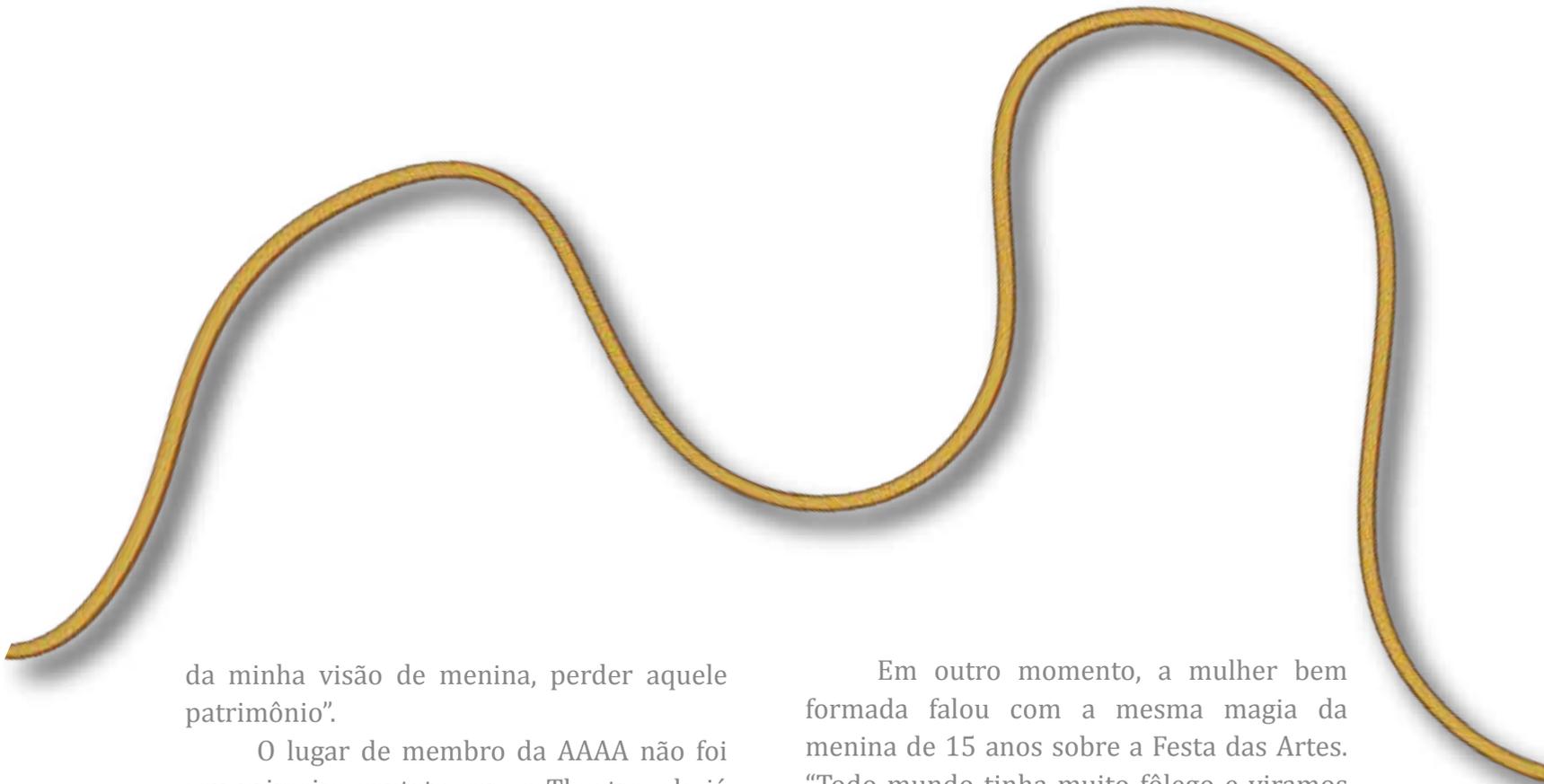
Cristiane Framartino Bezerra

Foto: Cristiane está no meio, de tule na cabeça. Entre as pessoas da foto, está o Quinzinho, de boné, personagem pitoresca do Centro da cidade. Fotógrafo: Fê Souza. 1985. Fonte: Cauim.



Ela só tinha 15 anos e já circulava entre aquelas feras da cultura, Kaxassa, Vaccarini, José Maurício, Magno, Pedro Gismondi, Kiko Zambianchi, Valnei Andrade, Dino, João Chaim, entre outros. Convidada pela poeta Lucília Maria de Souza a fazer parte da AAAA, ela foi se aproximando e a pouca idade não a manteve distante, logo, a habilidade em escrever deu a Cristiane Framartino Bezerra, um lugar de destaque. Começou

escrevendo atas, depois cartas e foi ela quem redigiu um dos primeiros ofícios para a Fundação Roberto Marinho. Ela afirma que guardou tudo, mas não sabia exatamente onde encontrar. “A resposta da Fundação, em forma de telegrama, retornou nominal a mim. Ali eles manifestaram o interesse em apoiar a restauração”. “Lembro que eu fiz uma carta contando a história do Teatro, mas afirmando o quanto seria triste, a partir



da minha visão de menina, perder aquele patrimônio”.

O lugar de membro da AAAA não foi seu primeiro contato com o Theatro, ela já havia estado no Pedro II, acompanhada da mãe, dona Catarina, e dos irmãos, para assistir Mazzaropi. Sua interpretação como espectadora da história do teatro, só não foi maior, naquela época, porque o prédio já estava todo adaptado para o cinema, sem o glamour de sua arquitetura original.

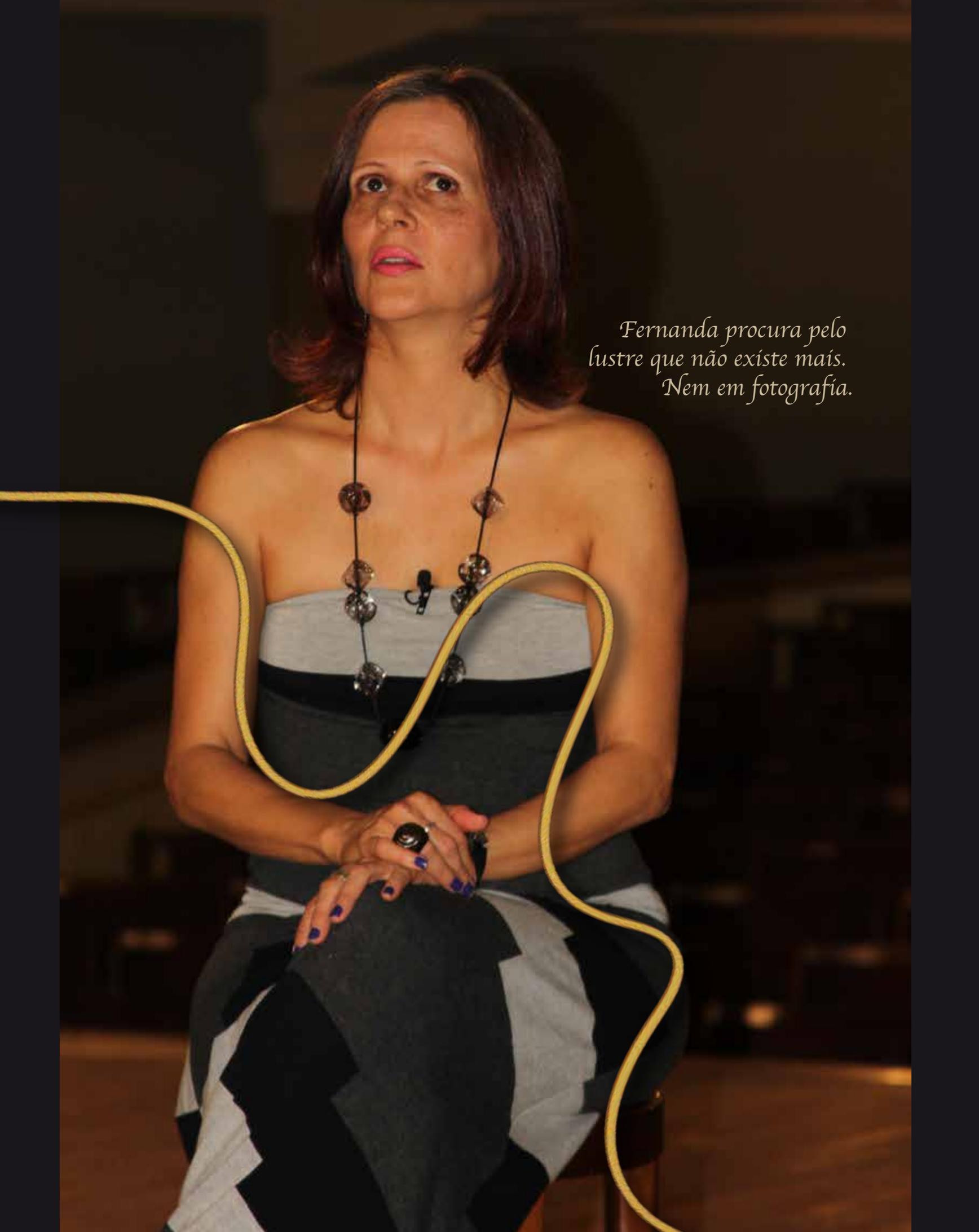
Muito confortável com as perguntas, ela ia respondendo uma a uma, sem mais delongas. “Começamos a frequentar o teatro em ruínas, depois do incêndio, acompanhados, muitas vezes, pelo vereador Corauci Sobrinho, que foi um dos presidentes da Comissão de Pró Restauração do Theatro Pedro II”.

Cristiane não titubeou um segundo sequer quando indagada sobre o nível de crença que aquele grupo tinha em relação às chances de conseguir salvar o Theatro. Ela foi rápida ao sentenciar: “toda”. “Acreditávamos que o barulho fosse forte o suficiente para mudar aquele estado de coisas. Queríamos e estávamos chamando a atenção”.

Em outro momento, a mulher bem formada falou com a mesma magia da menina de 15 anos sobre a Festa das Artes. “Todo mundo tinha muito fôlego e viramos um final de semana inteiro. Era lindo ver artistas iniciantes ao lado de um Bassano Vaccarini”.

Como Fernando Kaxassa, e os dois não se encontraram nas entrevistas, Cristiane também concorda que o maior legado da AAAA foi a união. “Tinha gente muito capaz naquele grupo, pessoas que chegavam, faziam alguma coisa e depois seguiam, sendo substituídas por outras que chegavam, num movimento constante”.

No final, a pedido dos pesquisadores, Cristiane declamou. O palco, que ela já ocupou em muitas outras situações, era só dela naquele momento. As luzes e a presença de todos não a inibia, porque inibida ela não é. Tomou fôlego, vestiu sua melhor roupa de artista, convidou a memória para ficar presente e recitou um dos poemas que mais gosta e que cabia, naquela narrativa, como uma luva. Do livro “A queda para o alto”, de Sandra Mara Herzer, ela falou sobre o artista que só ganha a plateia no dia de sua morte.

A woman with dark hair, wearing a black and white strapless dress, is seated. A thick yellow rope is draped around her neck and shoulders. She is looking upwards and to the left with a thoughtful expression. Her hands are clasped in her lap, and she is wearing a large black ring and blue nail polish. The background is dark and out of focus.

*Fernanda procura pelo
lustre que não existe mais.
Nem em fotografia.*

O fascínio por cristal e o teatro do oprimido

Fernanda de Oliveira Cecchi

Filha de italianos, baianos, índios e negros, ela se enxerga como uma brasileira típica, tanto que começa assim se identificando. Feliz por estar ali falando de suas memórias, a ribeirã-pretana Fernanda de Oliveira Cecchi não só contou histórias, ela as interpretou. Eram gestos complementares, olhares significativos, vozes mais altas, mais baixas, indicativos que pareciam querer fazer ver o que ela, um dia passado, tinha visto. Seu nível de detalhe era tão expressivo, que sim, era possível ver aquilo que estava na sua memória.

Quando a mãe queria ir ao centro fazer compras, ela dizia: “Vamos à cidade?” Este convite significava vestir roupa bonita, em especial, em dia de *matinê* no Pedro II. Ela se lembra do vestidinho, do sapatinho, dos laços no cabelo e das meinhas que eram enfeitadas com dois pomponzinhos fofos, usando o adjetivo da entrevistada. Ela assistiu *Bambi*, *Branca de Neve*, *Tom e Jerry* e lembra-se de todas as histórias, talvez porque as deve ter visto muitas outras vezes, já que também é mãe. Inacreditá-

vel é constatar que Fernanda lembra, com detalhes, do lustre. A narrativa é tão preciosa, que não transcrevê-la seria um descuido com o leitor deste livro. “Uma coisa que era muito apaixonante para mim, porque desde criança eu era muito vidrada em coisa que brilha. Aqui, no teto do Theatro tinha um lustre enorme, cheio de lágrimas de cristal. Hoje me lembrando, parece que ele era muito grande, provavelmente ele não era tão grande como eu lembro, porque quando a gente é criança a gente vê tudo aumentado. Me parece que ele era gigantesco. Eu ficava muito olhando pro lustre, olhando pro lustre, olhando pro lustre”.

Sobre o incêndio, Fernanda diz lembrar, mas faz a ressalva de que naquele tempo, com 16 anos, ela não era politizada. Ela só pensou: “Ah, agora vai fechar”. Já como aluna na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, ela voltou a se relacionar com o Theatro, neste momento da vida, muito mais politizada. “A década de 1980, a Filô era frequentada por muitas pessoas de outros lugares, de São Paulo. Eram muitos

Foto: Encontros do Grupo “Pó pra tapá taio”. Fonte: Fernanda Cecchi.



'bichos grilo'. Eu ia muito nas assembleias promovidas pelo Antonio Palocci Filho'. E é nesta época que ela se lembra dos manifestos e das passeatas feitas em prol do Pedro II.

Tentando listar sua memória, Fernanda segue ilustrando suas referências. "Lembro de uma exposição de fotos do Teatro pós incêndio, muito bonita. Não sei ao certo onde aconteceu, mas quando eu vi aquelas fotos, o que eu vi? Vi a foto do lustre. Quando eu vi aquele lustre, me veio à mente, porque eu sou muito emotiva, toda emoção de infância".

Sobre os manifestos a favor do Teatro, Fernanda afirma que a confiança que os integrantes do movimento tinham de que seriam bem sucedidos era total. Ela se utiliza de sua formação em psicologia e até explica "quando você está em um grupo, ele se transforma em uma entidade e você perde sua individualidade. Era uma ilusão grupal. Você tem certeza de que vai acontecer".

Depois de um tempo fora da cidade, Fernanda voltou e começou a participar do grupo criado na USP, "Pó pra tapá taio", uma alusão à linguagem mineira para dizer pó para tapar talho, machucado. Sua participação deve-se à irmã, que era membro do grupo, cujo o foco era o teatro do oprimido. "Eu era coadju-

vante, era só a irmã da Cristiane, essa sim, membro ativo do grupo. Eu ia junto, inclusive para as manifestações a favor do Teatro".

Fernanda explica o que é o teatro do oprimido, criado por Augusto Boal. Essencialmente este estilo propõe cenas para resolver conflitos. E conflito era o que não faltava a frente do Pedro II.

Um tempo depois, próximo da data de reinauguração, Fernanda participava da Cia de Ópera Minaz, ainda cantava no grupo que é uma das fundadoras, o Bossa Nossa e, por sua relação com a arte, voltou ao Teatro, desta vez para se posicionar no palco italiano. O choro foi inevitável. A emoção precisou de espaço. A admiradora por coisas que brilham, ficou ali olhando tudo, observou detalhes, percebeu a presença dos frisos dourados, a cortina imensa, mas, quando ela olhou para o teto, o lustre de cristal não estava lá. Ela não se propôs a comparar, nem podia, mas ela sentiu a ausência daquele artefato.

Fernanda já esteve muitas vezes no palco do Pedro II. Ela lembra que durante a Ópera Flauta Mágica, dava de mamar à sua filha, nos intervalos dos ensaios e das apresentações.

Ela terminou cantando para o deleite de todos que estavam ali.



Noites de vigília

Macalé

Jaime Domingos Cruz, o Macalé, começou a pintar, brincando de desenhar com as filhas. Era só uma atividade familiar que deu a ele um sentido na vida. As primogênicas já são mulheres adultas e ele nunca mais parou de transformar ideias em traços, no caso dele, tudo sempre muito colorido.

Era como artista plástico que Macalé fazia parte dos movimentos a favor do Pedro II. Ele também frequentou o Theatro quando ainda era cinema, mas esta memória só mereceu uma pequena citação. Logo depois ele fez referência à sua atuação como engraxate. “Aqui vinham muitas pessoas, era um bom lugar para trabalhar e, de fora, eu via a movimentação”.

Sua maior emoção vem das noites de vigília. Ele ficou sabendo que o Theatro estava sendo ameaçado no boca a boca. Um dizia para o outro, que dizia para mais um, para outro e, de repente, a noite chegava e todos estavam lá para evitar que “o homem com o maquinário aparecesse para colocar tudo no chão”. Eles se achavam gato escaldado, afinal, como lembrou Macalé, o que eles evitavam, já tinha ocorrido na cidade. Com pesar o artista narrou a história do Palacete

Paschoal Innechi, em frente do Museu de Arte de Ribeirão Preto, na Rua Duque de Caxias com a Barão do Amazonas. O medo que eles sentiam da calada da noite, na opinião de Macalé, era legítimo. Eles não queriam deixar o Pedro II sozinho. A vigília durou até que a primeira cobertura foi realizada.

Como membro do grupo Travessia, lugar da luta contra o preconceito racial e valorização da arte afro-brasileira, o artista, enquanto vigiava, fazia maculelê, exposição de arte, rodas de poesia. “Dos encontros participavam Pedro Paulo, senhor João, Oscarzinho da Escola de Samba, todos os membros da família do Capitão, pai da Adria”.

Macalé conta que seu grupo participou das Festas das Artes e que Fernando Kaxassa era sempre um interlocutor entre todos.

Depois de restaurado, o artista voltou ao Theatro convidado pelo prefeito Antonio Palocci Filho para receber um diploma de Amigo do Pedro II. Muitos receberam, lembra ele. A sensação de vitória foi inevitável. Profissionalmente, ele foi cenógrafo de espetáculos do Dança Vida e o sentimento na estreia foi gratificante.

Fotos: Festa das Artes. Grupo Travessia. Fotógrafo: Fê Souza. 1985. Fonte: Cauim.







30 mil assinaturas e alguns loucos

*Sônia Maria Pereira Paschoalick
Xuta (Paulino Siqueira Borges Filho)*

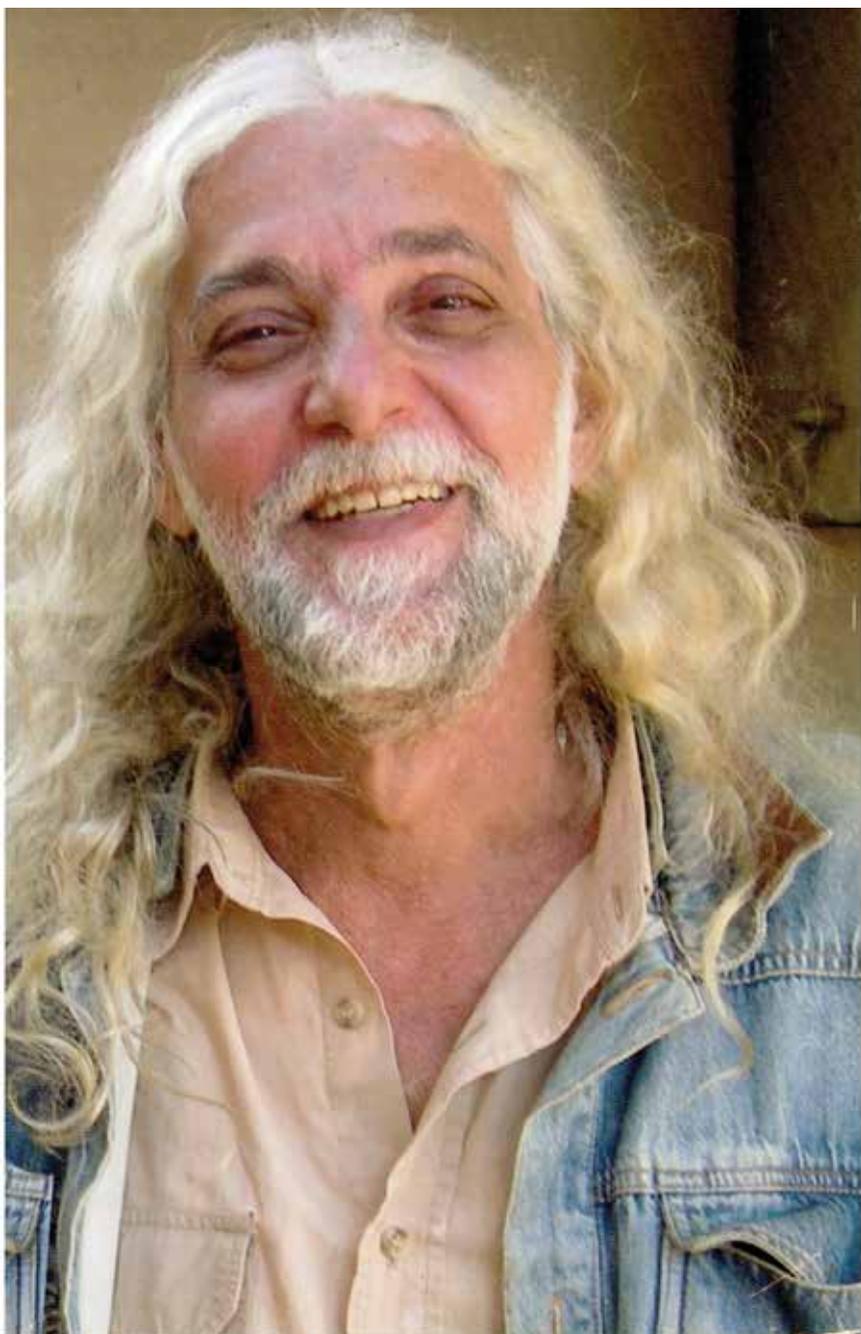


Foto: Acervo pessoal de Sônia Paschoalick.



Os dois chegaram juntos. Ela, de óculos escuros, que preferiu não tirar, e roupas coloridas, marcas de seu estilo. Ele, sorridente como ela. Brincaram bastante antes do início da gravação. Descontraídos, à vontade. Escolheram, juntos, quemalaria primeiro. Sônia Maria Pereira Paschoalick começou. Depois, foi a vez de Paulinho Siqueira Borges Filho, o Xuta. Ela e ele, ali estavam por terem feito parte do Soma, um movimento artístico especialmente criado para reforçar a presença da turma da música nos manifestos pela restauração do Pedro II. Idealizado por Zé Maria, marido da Sônia, nasceu com o início dos protestos, morreu com a reinauguração do Theatro. Zé Maria foi importante articulador da população das artes e Sônia estava muito feliz em poder

*Zé Maria: um músico de
canções ativistas.*

homenageá-lo com sua narrativa da história. Xuta ficou do lado ouvindo, esperando sua vez. Pouco interferiu na fala da Sônia porque estava tudo muito vivo na memória da mulher de roupas coloridas.

Ela que nasceu em Poços de Caldas e veio para Ribeirão Preto com nove anos, entrou pela primeira no Pedro II para ver filme. Lembra que, acompanhada do Zé Maria, assistiram “Submarino Amarelo”. Tinha, naquela época, 18 anos. Ficou deslumbrada. Ela queria muito ver o filme. “Era muito bonito”.

Sônia afirma ter memória viva do incêndio, e o identifica como muito trágico. Sua atração pelo Theatro vinha de sua admiração pelo patrimônio arquitetônico antigo. Seu olhar para o Pedro II era de desejo. “A gente sempre pensava: Por que será que o Theatro não abre as portas para a música, está aí fechado, só com cinema, poderia ser teatro novamente”. Era esse o sentimento que movia Sônia nas muitas vezes em que foi a esplanada protestar pela restauração.

O casal Sônia e Zé Maria tinha a proposta de viver de música. Não era fácil. “O Zé era muito engajado, muito politizado. Quando ele ficou sabendo que o Theatro ia ser vendido para um banco, ele disse que nós tínhamos que fazer alguma coisa. O Zé era muito corajoso, ele tinha as ideias e metia a cara”. “Vamos começar a fazer som na porta do Theatro”, sentenciou.

Naquela época, eles formavam o Grupo 17, Sônia, Zé Maria e Henrique Bartsh eram

alguns dos integrantes. Só um tempo depois, a composição se alterou e foi criado o Grupo Nós.

Sônia e Xuta são os únicos entrevistados que guardam na memória, imagens da polícia tentando impedir as apresentações. “Eles desligavam a força. Paravam o show no meio. Ameaçavam”.

Mas não só na música se pautava o Soma, o grupo começou a recolher assinaturas para um abaixo assinado e conseguiram 30 mil participações. Ela é categórica ao dizer que “foi por conta disso que o Theatro ainda está aqui como teatro”.

Houve um momento na fala de Sonia que ela aproveitou para contextualizar as pessoas no movimento. Desabafou que normalmente as pessoas estão muito preocupadas com suas próprias batalhas, mas que aquele abaixo assinado, com trilha sonora, sempre muito musical, sensibilizou o ribeirão-pretano.

Naquele momento, a categoria precisava de uma liderança e o papel cabia muito bem a Zé Maria. Na opinião da mulher, ele era um louco muito comprometido com suas ideologias. “Ele era uma pessoa vibrante, participava da política, na cultura, na área social. Seus ideais o moviam sempre para frente”.

Eles não tinham confiança absoluta de que o que estavam fazendo daria certo. Mas estavam convictos de que o Theatro era do povo e para ele deveria voltar. A mulher, que sempre se referia ao marido como alguém

muito presente, expressou uma contraposição entre a classe política e a artística. “Havia resistência. Os políticos não queriam. Os artistas queriam”.

Mãe de seis filhos, Sônia participava quando podia, mas Zé Maria era do núcleo duro das organizações. Hoje ela sente a felicidade da vitória, apesar de não ter, nunca, se apresentado no palco do Pedro II. Ela aceitou o convite dos pesquisadores para cantar a capela naquele momento. Afinal, tinha som, luz e plateia. Xuta pediu uma música, mas ela se recusou, já que cantaria, haveria de ser uma canção de autoria de Zé Maria. Sônia precisou de um tempo para se encontrar. Afirmou, antes de começar, que não conseguiria fazer a música inteira porque ela certamente se emocionaria e choraria, o que de fato aconteceu.

Os que estavam ali, esperaram, dando a ela, todo o tempo necessário. De repente, debaixo daqueles óculos escuros, Sônia soltou a voz... “Quero os frutos dessa árvore do tal do conhecimento pra pegar uma semente e plantar no pensamento dessa gente que anda agora em angustiante tormento...”

Depois da interpretação, Xuta e Sônia trocaram de lugar. Ele passou a fuçar as memórias e ela a ouvi-las. Nascido em Ribeirão Preto, em 1955, seu primeiro contato com o Pedro II foi do lado de fora, como engraxate dos frequentadores do prédio; depois de catador de reciclado, ele se tornou artesão e músico e assim será por todo

tempo, de hoje ao futuro, deseja ele.

Xuta também trocou gibis na porta do cinema, como uma marca da juventude de Ribeirão Preto. “Dentro não tinha tanta suntuosidade como visto de fora”. O artesão lembra-se do incêndio com tristeza, mas logo destina maior destaque para sua participação, enquanto *hippie*, liderado por Zé Maria, no movimento intitulado Soma. A indignação de um, logo se tornou a motivação de muitos para fazerem o som do protesto. “O Zé Maria achava que era uma sacanagem aquele Teatro lindo ser transformado em banco. Sempre dizia que o Teatro era do povo”.

Xuta não deixa de mencionar que antes do Soma, alguns artistas plásticos já vinham se movendo, mas o silêncio os desfavoreciam. Seu grupo chegou com muito barulho, cantando sempre. Ele lembra, inclusive, que havia uma música própria criada para abrir os encontros. Solicitado a cantar, Xuta se esquivou com a certeza de que não se lembraria de tudo, mas arriscaria o refrão, que saiu. “O Pedrão está do jeito que o diabo gosta, faz dez anos que queimou e até hoje só saiu fumaça”. No final, ele lembra que quem sempre cantava era o Maguila, irmão de Glauco e Pelicano.

Sobre os bastidores, ele não tem qualquer problema em dizer que as reuniões aconteciam nas mesas dos botecos, mas, depois que conta, dá um sorriso, querendo dizer muita coisa, mas não dizendo nada. “Nós éramos meio mal vistos, éramos cabeludos, anos 70, éramos *hippies*, às vezes até

Xuta fazia parte do grupo hippie. Eles chamavam a atenção.



© 1984 Volkswagen Beetle Licensing made by VW America, Inc. VW Beetle is a registered trademark of Volkswagen Group of America, Inc.

**DR
BEETLES**

um pouco loucos, porque os desafios nos empolgavam”.

Ele, como Sônia, lembra-se da polícia. Diz que um dia precisou enganar um “guarda” para conseguir usar a energia do próprio Theatro que, apesar de incendiado, ainda dispunha de força. “O policial só não tirou da tomada, porque eu disse para ele que se colocasse a mão naquele cabo, sem proteção, ele seria eletrocutado. Com medo, ele deixou e fizemos o show”.

Paz e amor era a mensagem daquele grupo, e Xuta diz que ainda é a sua, mas não nega que havia muitos rótulos, dividindo o que a sociedade acredita ser homens do bem e homens do mal. “Bobeira, né?”.

Entre os nomes que lembra, além dos já mencionados, citou o do vereador, na época, Antonio Calixto como alguém que fazia parte daquele processo. “Acho até que ele foi presidente da Comissão na Câmara”. E foi, depois, quando Calixto foi eleito deputado, Valdemar Corauci Sobrinho é quem assumiu.

Xuta ironiza um pouco o dia da homenagem promovida pela Prefeitura. Ele lembra que aquele evento simbólico se deu algum tempo depois da reinauguração oficial, para o qual nem ele, nem a Sônia ou o Zé Maria haviam sido convidados. Ele explica rindo, “como eu disse, a gente vivia à margem”. “Foi importante o segundo evento, claro, naquele dia eu recebi meu diploma das mãos do Zé

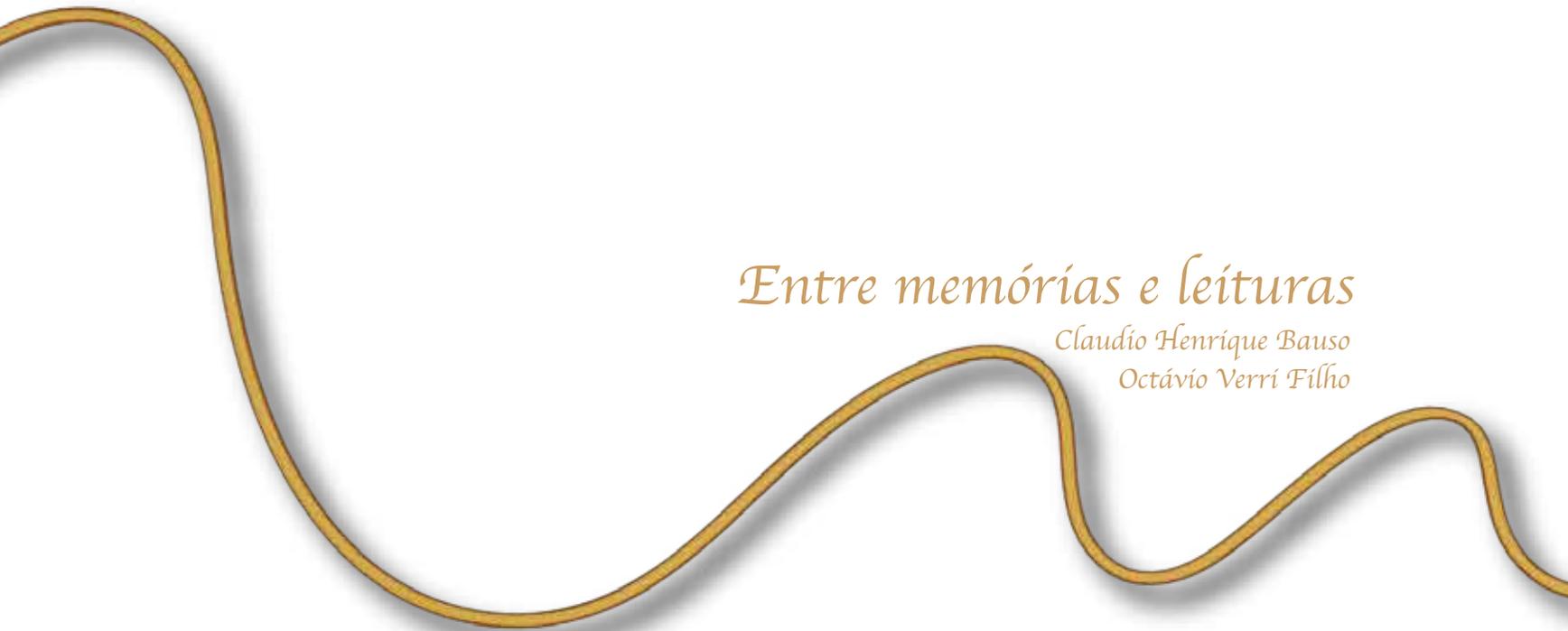
Maria. A gente estava meio estremecido, por uma coisa qualquer, o Palocci sabia. Então, ao invés dele me entregar, foi o Zé que me entregou e isso foi até mais importante”.

O artesão ainda lembra que o show daquele dia levou ao palco do Theatro o grupo Zimbo Trio e que, por isso, valeu tanto a pena.

Antes de acabar a entrevista, os pesquisadores reforçaram se não teria ele, memórias de bastidores para contar, foi quando Xuta começou a rir. Ele lembrou um episódio engraçado. Durante um discurso do Paulo Maluf, então governador do Estado de São Paulo, em Ribeirão Preto, o artesão/músico foi incumbido de abordar o político sobre o Pedro II e tentar criar uma situação para entregar o abaixo assinado. Ele sequer teve receio do comando. De longe, gritou: “Ô governador, eu gostaria de falar com o senhor. Esse Theatro que o senhor está falando, aqui na frente, vai ser vendido”. Os seguranças logo tiraram Xuta de perto, que não desistiu. Na saída, aproveitando as luzes da imprensa, uma nova abordagem: “Seu governador, eu sou aquele que falou do Theatro”. Antes que os seguranças berrassem o artesão mais uma vez, Paulo Maluf disse; “Deixai vir a mim a juventude”. Xuta lembra, rindo muito, que parecia estar falando com Jesus. Fotografado ao lado do governador, no dia seguinte, teve que aguentar todas as brincadeiras dos amigos.

A man with short, dark hair is sitting on a wooden stool in the center of an empty theater. He is wearing a dark blue polo shirt and blue jeans. His hands are resting on his lap, and he is looking directly at the camera with a neutral expression. The theater has rows of dark wooden seats and a wooden floor. The background shows the architectural details of the theater, including columns and a balcony.

*Bauso sempre
leu sobre a
história da cidade.*



Entre memórias e leituras

Claudio Henrique Bauso

Octávio Verri Filho

Depois que se fez arquiteto, seu olhar sobre o Pedro II passou a ser mais técnico, mas muito antes disso, Claudio Bauso já observava o prédio e tudo ao seu redor. Quando busca lá no fundo da memória o que mais lhe significa, fala do Lanches Paulista, dos vestidos das mulheres elegantes, quatro dedos sempre abaixo do joelho, e os ternos de linho, quase sempre branco, dos homens, não menos requintados. Ele encontra, armazenado bem na porta de saída, lembranças das muitas manifestações cívicas ocorridas na esplanada, “lugar especialmente vocacionado para estes encontros,” insiste em dizer.

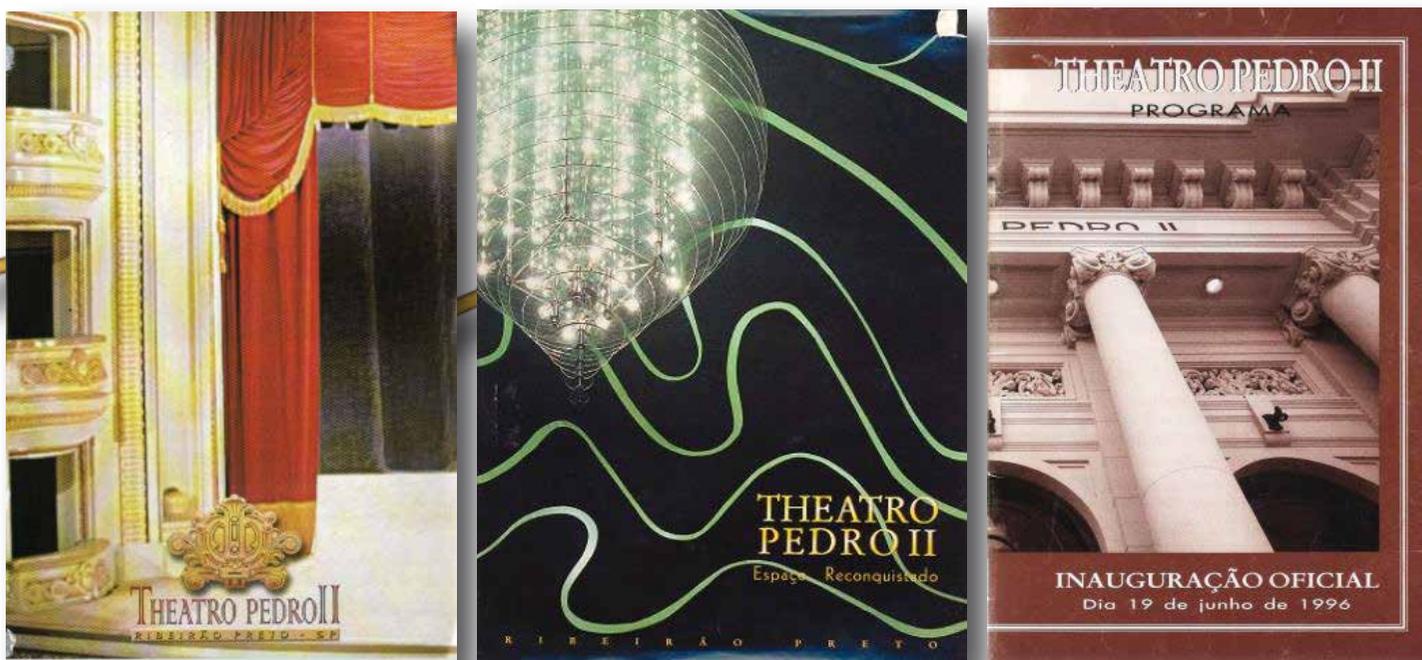
Bauso frequentou o Cine Pedro II e, mais do que de filmes, se lembra do senhor Geraldo, engraxate com quem teve a chance de conversar, homem que trabalhou na frente do Theatro por muitos anos. Para o arquiteto, o centro era onde tudo acontecia. Sua memória não deixa claro o que foi naturalmente vivido por ele e o que sabe por que aprendeu estudando, lendo, já que como um preservacionista declarado, sempre acompanhou as ocorrências da cidade.

Sobre o incêndio, ele insiste em afirmar que ficaram muitas dúvidas sobre a causa, mas que são estas incertezas históricas, já que ninguém busca novas respostas.

Bauso participou do Soma e lembra-se das noites de vigília. Ele fala com carinho dos irmãos Henrique e João Bartsh do Grupo Nós e, nesta sequência, continua citando nomes que aqui já foram mencionados. Novo somente, ele menciona Rubem Cione, como um dos integrantes dos manifestos, que participava do jeito dele, é claro, mas também pedia a restauração.

Sem qualquer dúvida sobre ser o Theatro Pedro II, o grande ícone cultural da cidade, Bauso narra, cronologicamente, todos os momentos significativos no processo de recuperação do prédio e termina lembrando a música do Titãs; “O pulso ainda pulsa”.

A memória, quando não é registrada, pode se perder ao longo do tempo. Prejuízo para aqueles que se desvinculam do passado. Muitas vezes o livro se apresenta como uma das formas mais eficientes, ao lado do regis-



Fotos: Da esquerda para direita, capa da revista Revide, capa de livro e programa da reinauguração, disponíveis na Plataforma Verri.

tro digital, para materializar a memória. Octavio Verri Filho sabe muito bem disso, tanto que vem se dedicando, há muito tempo, a organizar as produções literárias sobre a história de Ribeirão Preto. Ele criou uma plataforma digital e em um clique é possível acessar um universo de referências da cidade, mas, também, de outros municípios da região.

O advogado que foi promotor não viveu diretamente o Pedro II. Sua memória mora nos livros e é de lá que consegue produzir narrativas, como a que dá conta do entreencontro jurídico entre a Paulista e o arquiteto Hyppo-

lito Pujol Júnior. “O profissional que projetou o Theatro estava descontente com as mudanças em seu projeto inicial, o atraso nas obras e entendeu que só conseguiria resolver suas questões, na justiça”.

Verri não chega a ser um memorialista, mas pode ser chamado de um apaixonado pela história da cidade. Sua contribuição em guardar este precioso acervo pode não conseguir ser valorada neste tempo, mas no futuro haverá aquele que só saberá de coisas passadas por acessar sua plataforma de conhecimento.



*Octávio Verrí:
Um cuidador de livros.*



19



Fazendo ópera

Gisele Ganade

Gisele Ganade não nasceu em Ribeirão Preto e nem veio para cá uma só vez. Ela é de Campinas e por causa da família foi e voltou em anos diferentes. Primeiro, em 1972, depois, na década de 1980, e na década seguinte, definitivamente. Foi neste movimento que ela se encontrou com o Pedro II.

Nascida em família de apreciadores da música, ela se tornou a primeira profissional da área. Sua escolha foi pela arte erudita, o que, segundo ela, fácil de entender, mas, olhando para o Brasil, foi bem mais difícil.

Gisele foi ao Theatro enquanto ainda era cinema ver Os Trapalhões, mas só se recorda da tela e do filme. Sua memória exhibe com mais exatidão as ruínas pós-incêndio. Ela se integrou ao movimento num processo lógico. Todos os que compunham o que hoje recebe o nome de cena cultural, eram esperados para se manifestar. Todos os que estavam em atividade, de qualquer forma, eram chamados a protestar. “A gente se reunia, era aquela moçada, pronta para levantar o Pedro II de novo”. Naquela época, ainda não existia a Cia. de Ópera Minaz. Ela

fazia parte de um grupo de música popular chamado Tabajara, que sempre estava presente a convite dos organizadores do Soma.

Em uma de suas vindas para a cidade, a convite de uma emissora de TV, Gisele, já como membro da Cia Minaz, gravou um clipe no interior do Theatro, ainda no cimento. Eles estavam ensaiando Serva Padrona e foi muito difícil para a artista. Ela precisava cantar, mas sua emoção a levou ao choro e tudo demorou muito mais que o normal. “Eu chorei por meia hora”.

Essa apresentação não foi a única. Depois dela, outras ocorreram, em decorrência dos manifestos. “Fizemos uma apresentação junto com a Orquestra Sinfônica. Foram duas situações muito marcantes para mim”.

O Minaz surgiu em Campinas e, em 1992, quando Gisele veio de vez para Ribeirão Preto, a Cia. veio junto. Uma das motivações para deixar a terra de Carlos Gomes é que lá não tinha um teatro de ópera. Para ela, era lógico que se o Pedro II seria restaurado e reaberto, precisaria de uma cia. de Ópera

Gísele sempre gostou de ópera.



Ópera A Flauta Mágica, apresentada no palco
do Theatro Pedro II. s/d. Acervo da Cia Minaz.

na cidade. As coisas não seguiram tão lineares como o grupo desejava. Foram muitas as oscilações, mas o Minaz tem hoje seu próprio teatro, pequeno, é claro, para os padrões da Ópera, mas é um espaço mais do que apropriado para a formação dos artistas e de público.

Da esplanada, lugar das manifestações, para o palco, cenário dos espetáculos, foram muitas apresentações. A mais memorável, sem qualquer dúvida, em se tratando de história, foi a de reinauguração. O Minaz esteve lá, junto com a Orquestra Sinfônica de

Ribeirão Preto. Depois vieram outras, Flauta Mágica, Carmina Burana, Elixir do Amor... A lista é grande.

A artista lembra que foi ali que conheceu o trabalho dos Meninos Cantores de Viena, que depois serviu de motivação para a criação de projeto semelhante em Ribeirão Preto, em atividade até os dias de hoje. "Começamos com um coro de 50 crianças em 1996 e, na atualidade, são vários coros que, somando todos os projetos, totalizam pouco mais de 300 vozes jovens. Muitos querendo ser profissionais".



O fogo como recomeço

Gilda Montans não se segura e convida a uma reflexão. Ela poetisa que o fogo talvez tenha sido obra da Fênix, exigindo um fim para aquela tragédia cultural e um recomeço para o que viria a ser. A casa precisava ser reaberta e aquele fogo pode ter posto fim à decadência.



Um duo de diferentes memórias

Gilda Montans e Meire Genaro

As duas também não poderiam ser personagens de crônicas individuais. Gilda Montans e Meire Genaro formam um duo e assim a imagem das duas segue associada. Amigas, acordeonistas e representativas, mas donas de memórias diferentes. A pedido da equipe, levaram seus instrumentos, então não era surpresa de que, ao final, tocariam ali no palco do Pedro II.

Elas são frequentes naquele lugar. Gravando seus CDs, realizando grandes eventos e, muitas vezes, como parte da plateia. Mas as duas sentem maior emoção, em lembrar quando entraram no Theatro, após o incêndio, para uma apresentação especial de alerta. Foi a convite do vereador Valdemar Corauci Sobrinho, em duas ocasiões diferentes. O primeiro concerto foi simbólico, para chamar a atenção da imprensa e do público, uma ideia, segundo Gilda, do vereador, que encabeçava algumas ações. Naquele momento, ela fazia parte de um quarteto, Gilda, Meire, Ed Lemos e Antonio Carlos Assalin. Nesta ocasião, eles tocaram La Comparsita, Tarantella, Asa Branca, entre outras. A imprensa deu destaque. “As pessoas ouviam lá de fora e foram entrando. Foi muito bonito”. Na segunda vez, Gilda e Meire já formavam um duo. “Estava tudo pronto para começar a obra de restauro, mas não come-

çava. Por isso, fizemos mais um concerto, para não permitir que as coisas caíssem no esquecimento”. Nesta segunda apresentação elas tocaram a Ária na quarta corda, Guarani, entre outras. “Neste dia teve mais gente”.

Meire antagoniza dois importantes sentimentos para se expressar sobre aquele evento. “Foi muito triste, mas muito alegre. Triste porque estava fechado, mas alegre porque aquela manifestação, pregava a reconstrução”. Ela lembra que na primeira apresentação, estava um dia muito chuvoso e que a ausência de teto deixou a todos muito apreensivos. Enquanto lembrava, ela redesenhou suas impressões. “Olhando agora, acho que aquela chuva era para abençoar ou para batizar uma nova etapa”.

Gilda chegou à cidade em 1949, vinda de Altinópolis, para estudar. A família veio um ano depois. A escolha pelo acordeon foi de seu pai, “ele era apaixonado”. Parte de uma família muito musical, Gilda era uma frequentadora constante do Theatro Pedro II, ainda em seus bons momentos de apresentações teatrais e musicais.

Muito cedo, Gilda começou a dar aulas de música, com 15 anos e, por isso, estava sempre no teatro, com os alunos do conservatório. Ela se recorda de uma apresentação organizada pela professora Diva Tarlá, que

utilizou quatro pianos no palco. Ela ressalta que muitos espetáculos nacionais e internacionais vinham primeiro para Ribeirão Preto e depois, seguiam para a capital. “Aqui sempre tinha público. O povo gostava. Ficava sempre lotado. O pessoal consumia cultura. Era o auge do teatro”.

Entre as óperas que assistiu, Gilda se lembra da *La Traviata*, com todos os artistas italianos. Seus detalhes focam as vestimentas e os cuidados da cenografia. Mas chama a atenção que também grandes espetáculos de balé ocupavam o palco do Pedro II. Novamente fazendo referência a Diva Tarla, Gilda lembra que foi ela que trouxe a primeira professora de balé para a cidade, chamada Dorinha Costa. “Naquele momento, aqui era um santuário da música clássica”. Ela explica que sempre estava na plateia porque ainda era estudante de música e que, quando atingiu a maturidade artística, o Pedro II já passava por sua primeira decadência. Suas opções, naquele momento, passaram a ser os palcos da PRA7, Recreativa, Dante Alighieri. Por falta de um grande palco, não vinham mais à cidade, grandes espetáculos, refletem a acordeonistas.

Neste convite a visitar a caixa de sua memórias, Gilda seguiu lembrando. Falou da festa do centenário de Ribeirão Preto, que recebeu muitos homens e mulheres da sociedade de São Paulo. Do lustre espetacular, cujos mínimos detalhes lhe faltaram, a narrativa certa da beleza, foi convincente. Da bomboniere frequentada por todos

que iam ao Theatro, às suas balinhas coloridas, “tudo era com muito requinte, muito glamour. As festas recebiam as melhores Orquestras. Era um desfile da sociedade de Ribeirão Preto”.

Meire Genaro nasceu em Ribeirão Preto, em junho de 1945. Sempre morou na cidade. Suas memórias do Theatro estão associadas à história da Orquestra Sinfônica. Sempre que havia apresentação, seu pai, amante da música clássica, a acompanhava. A mãe e os outros irmãos ficavam em casa. Ela e o pai iam apreciar a boa música. Foram naqueles momentos que Meire aprendeu suas primeiras lições. O pai ia explicando as diferenças dos instrumentos e suas nuances. Aquele lugar tomava forma de escola e o pai, lugar de professor.

No vocabulário de Meire, ela tinha que ir ao Theatro sempre muito “chicosa”. “Era tudo muito sofisticado”. Lembra com carinho que a mãe tinha que dar conta de comprar um vestido novo a cada apresentação. Ela nunca foi à ópera naquele momento.

Meire intensificou sua emoção e arriscou uma comparação muito intimista para descrever seu sentimento quando foi informada sobre o incêndio do Pedro II. “Foi como perder um ente querido. Era um lugar muito querido pra gente”. Ela termina afirmando que o Theatro não é importante só para os ribeirãopretanos e sim para a América Latina. “É a casa de espetáculo com melhor acústica”.

A woman with short, dark, curly hair is seated on a black chair on a wooden stage. She is wearing a teal-colored dress with a vibrant, multi-colored geometric and floral pattern on the bodice. Her hands are clasped in her lap. She is wearing black, pointed-toe flats. The background shows the wooden floor of the stage and rows of dark wooden chairs in the audience area.

Meire: vestidos novos a cada apresentação.



O concerto de aniversário que virou protesto

Walter de Fátima Ferreira

Cinco de outubro foi quando Walter de Fátima Ferreira se iniciou na Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto. “Aquele foi o meu primeiro concerto oficial. Acho que por isso, este Theatro é tão importante para mim”. Hoje ele é um dos mais antigos do elenco. Estava na composição da Orquestra que se apresentou na esplanada no Theatro Pedro II, chamado depois, pela imprensa, de Concerto de Protesto. Muitas pessoas participaram. A regência foi dos maestros Isaac Karabtchevsky e Lutero Rodrigues. Entre as peças tocadas, estavam obras de Beethoven, Rossini e Tchaikovsky. O músico já tinha participado de pequenos grupos, estava preparado, mas foi inevitável se assustar com um trecho um pouco mais expoente da obra de Tchaikovsky, 1812, que tem alguns canhões no final. “Me perdi e demorei um pouco para me encontrar”. Ele conta e ri com a ingenuidade do jovem músico de 1980.

Walter é bem certo em afirmar que o Theatro é uma referência nacional e se orgulha de ter estado naquele concerto. A memória dele sofre algumas variações enquanto conta, mas lembra de que aquela apresentação já estava programada para acontecer em comemoração ao aniversário de 50 anos do Theatro. O incêndio surpreendeu a todos,

mas o espetáculo não foi cancelado, muito pelo contrário, ganhou relevância histórica.

Certo de que a música é muito poderosa, Waltinho é dono de um discurso de que o teatro é a melhor casa da música. Para ele, toda sua vida artística está relacionada ao Theatro Pedro II, local onde tantas apresentações da Orquestra já foram realizadas. Seu orgulho é muito grande, em dizer que o filho também seguiu a música e ocupa um lugar na mesma Orquestra.

Mineiro de Lagoa da Prata, Walter veio para o Estado de São Paulo com seis anos, primeiro para Barretos, depois para Ribeirão Preto. Ele chegou por aqui em 1975 e nunca mais saiu. Assim que ouviu música, talvez a primeira versão tenha sido entoada pelas lavadeiras da sua localidade, ficou fascinado e, gradativamente, como ele mesmo explica, foi fazendo sua seleção.

A escolha por Ribeirão Preto tem a ver com a Orquestra da cidade. Ele queria fazer música e a organização era uma excelente opção. Naquele começo, era uma formação menor, não tinham ensaios todos os dias, somente aos finais de semana.

Seu engajamento ao movimento em prol do Theatro já tinha se dado por meio de outros grupos vocais de que participava.

Em 1994, Walter participou de outra apresentação muito simbólica também, porque o Theatro ainda estava em obras. Mas o que nunca vai esquecer, ele mesmo fala, é da apresentação de reinauguração, em 1996, sob a regência do maestro Roberto Minczuk. “Foi maravilhoso”.

Apesar de já ter perdido o número de vezes que se apresentou no palco do Theatro Pedro II, nada virou rotina. “A música precisa de muito zelo, por isso toda apresentação é sempre muito esperada”.



Foto: Concerto da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, no dia 05 de outubro de 1980. Fonte: OSRP.



O movimento nos gabinetes

Começa com música a restauração do Pèdro II



A portrait of Corauci Sobrinho, a middle-aged man with dark hair, wearing a dark suit jacket, a white dress shirt, and a red tie with white diagonal stripes. He is looking directly at the camera with a neutral expression. His hands are clasped in front of him. The background is dark and out of focus, with a thin yellow line visible in the upper left corner.

*Corauci Sobrinho
sempre reconheceu
a força dos artistas.*

Um choro em quatro atos

Valdemar Corauci Sobrinho

A elegância salta aos olhos quando, pelo palco do Theatro Pedro II, adentra um homem que, nos mais de trinta anos dedicados à vida política, tornou-se figura pública. Nos inúmeros degraus galgados, alguns, em posição fundamental, pôde contribuir para solucionar o longo processo de indefinições quanto ao futuro do símbolo maior do desenvolvimento econômico de Ribeirão Preto.

Com câmeras e microfones já ligados, no entanto, esta imponência do homem público quase fica de lado e começa a ser descortinada toda a ternura sentida por Corauci Sobrinho para com o Pedro II. Ternura esta nascida e criada na infância, com Corauci menino, indo até o local para assistir algum filme da matinê, trocar gibis na porta ou participar de algum desfile cívico na esplanada. “Você trazia aquele paco de gibi e trocava. Você tinha um que o outro não tinha. Você trocava o gibi para poder ler o que não tinha lido”.

Dos filmes, na verdade, recorda-se do seriado Flash Gordon, “que era uma coisa inimaginável na época. Imagina, uma nave espacial! Aquelas roupas, aquelas vestes, que hoje nós vemos com familiaridade, mas pra época...”. Talvez, mal saiba ele que esta série norte-americana era de 1936, quase vinte

anos antes de quando a assistiu, o que a torna ainda mais inovadora. Tamanho seu significado cultural, histórico e estético, foi selecionada para preservação no Registro Nacional de Filmes dos Estados Unidos, situado na Biblioteca do Congresso⁴⁶.

E o menino, que acompanhou de pequeno esse cotidiano no coração da cidade, cresceu e foi eleito vereador. No dia do incêndio, assim como Vicente Golfeto, estava em uma sessão da Câmara dos Vereadores. Com outros colegas, Corauci foi até a esplanada e, como ele mesmo diz, “foi difícil. Foi a primeira vez que eu chorei por causa do Pedro II. Não foi a última não, foi a primeira. De ver aquele incêndio, aquelas chamas, aquela fumaça e não poder fazer absolutamente nada! O fato é que, naquele dia, a vida do Theatro ficou interrompida”.

O incêndio destruiu poltronas, cortinas, cobertura, forro, além das galerias e boca de cena. Conforme laudo técnico, sua causa foi atribuída a um problema nos fios que alimentavam o motor do exaustor. A instalação elétrica estava em condições inadequadas, o que teria provocado uma sobrecarga elétrica e um conseqüente superaquecimento na fiação, provocando as chamas que se espalharam de baixo para cima⁴⁷.

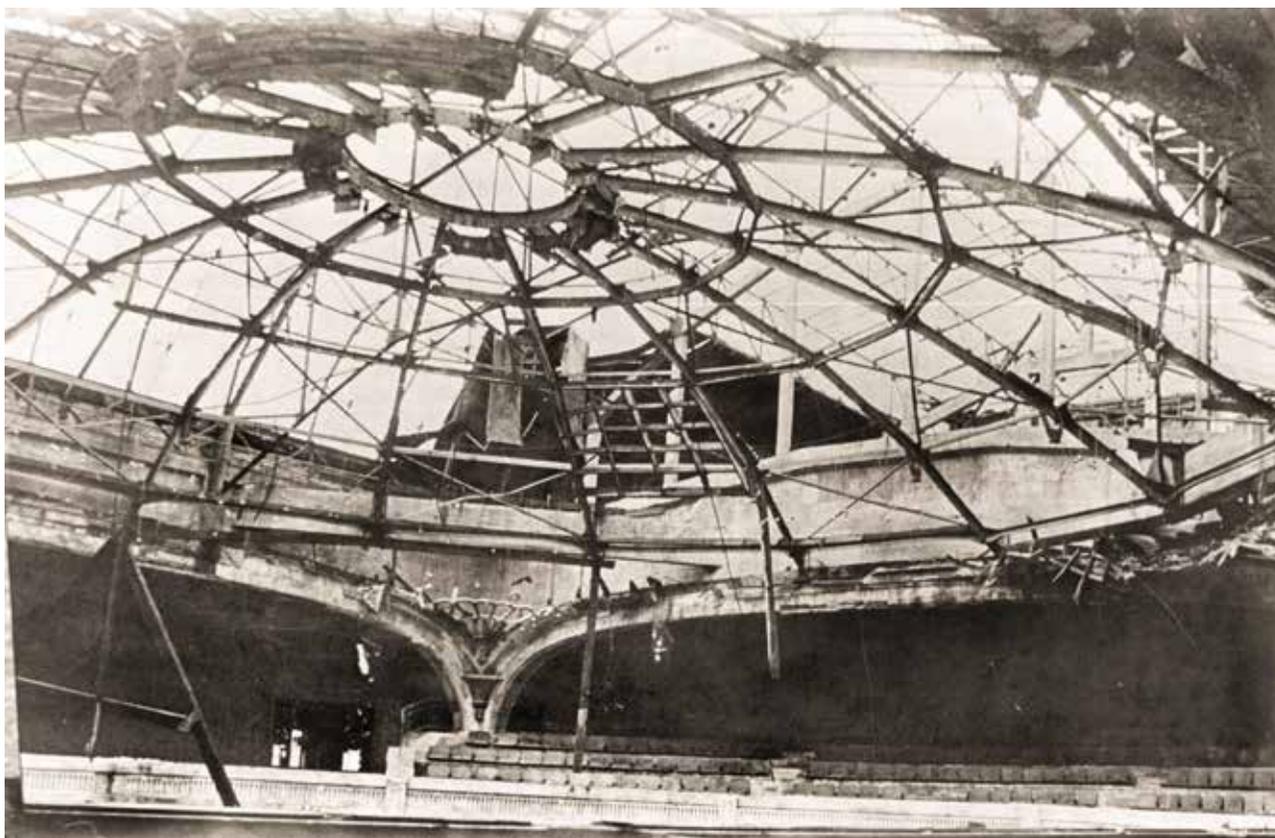


Foto: Teto do Pedro II depois do incêndio. Fótografo: Carlos Natal. s/d. Fonte: Cedom.

E é de modo jocoso que Corauci qualifica o fato: “Estava passando o filme dos Trapalhões e a trapalhada maior foi o incêndio”, em menção ao filme *Três Mosqueteiros Trapalhões*, em exibição quando as labaredas começaram a subir pela cortina do palco.

Com uma história já longa com o Pedro II, não é difícil imaginar que o então vereador tomasse alguma posição. No mesmo dia do incêndio, conta que voltou à Câmara e, junto com outro vereador, Antonio Calixto, redigiu a proposta de criação de uma comissão de trabalho para “buscar a restauração do Theatro Pedro II”.

Em todo o período pós-incêndio,

Corauci relata de forma muito ilustrativa o papel da sociedade pela restauração. “Mas mais importante do que o trabalho da comissão foi a participação de segmentos da cultura, de artistas, da sociedade, que sabiam da importância do Theatro Pedro II”. Ao dar o devido crédito aos segmentos da sociedade, ele parece querer dizer que, na verdade, a reunião das forças sociais em nome de um objetivo comum foi o berço, a partir do qual as conquistas foram se fazendo realidade.

A primeira delas veio com o tombamento do Pedro II pelo Condephaat, como patrimônio cultural do Estado de São Paulo, em 17 de junho de 1982. Tombamento esse

“que foi importantíssimo! Isso praticamente inviabilizou qualquer interesse. Quem iria comprar um imóvel tombado?”.

Nos idos de 1985, uma preocupação específica tomava conta de Corauci: como viabilizar a cobertura do Theatro, sobretudo, porque fazia mais de cinco anos que o prédio estava à mercê da ação do tempo. A alternativa encontrada foi, junto com Wilson Toni, ir até a Companhia Antarctica Niger (que havia comprado a Companhia Cervejaria Paulista, proprietária do Quarteirão Paulista, na década de 1970) e conversar com o então presidente, Francisco Paisani, sobre a possibilidade de se viabilizar a ação. Pouco tempo depois, mais uma conquista vinha à tona, com a Cia. realizando a cobertura.

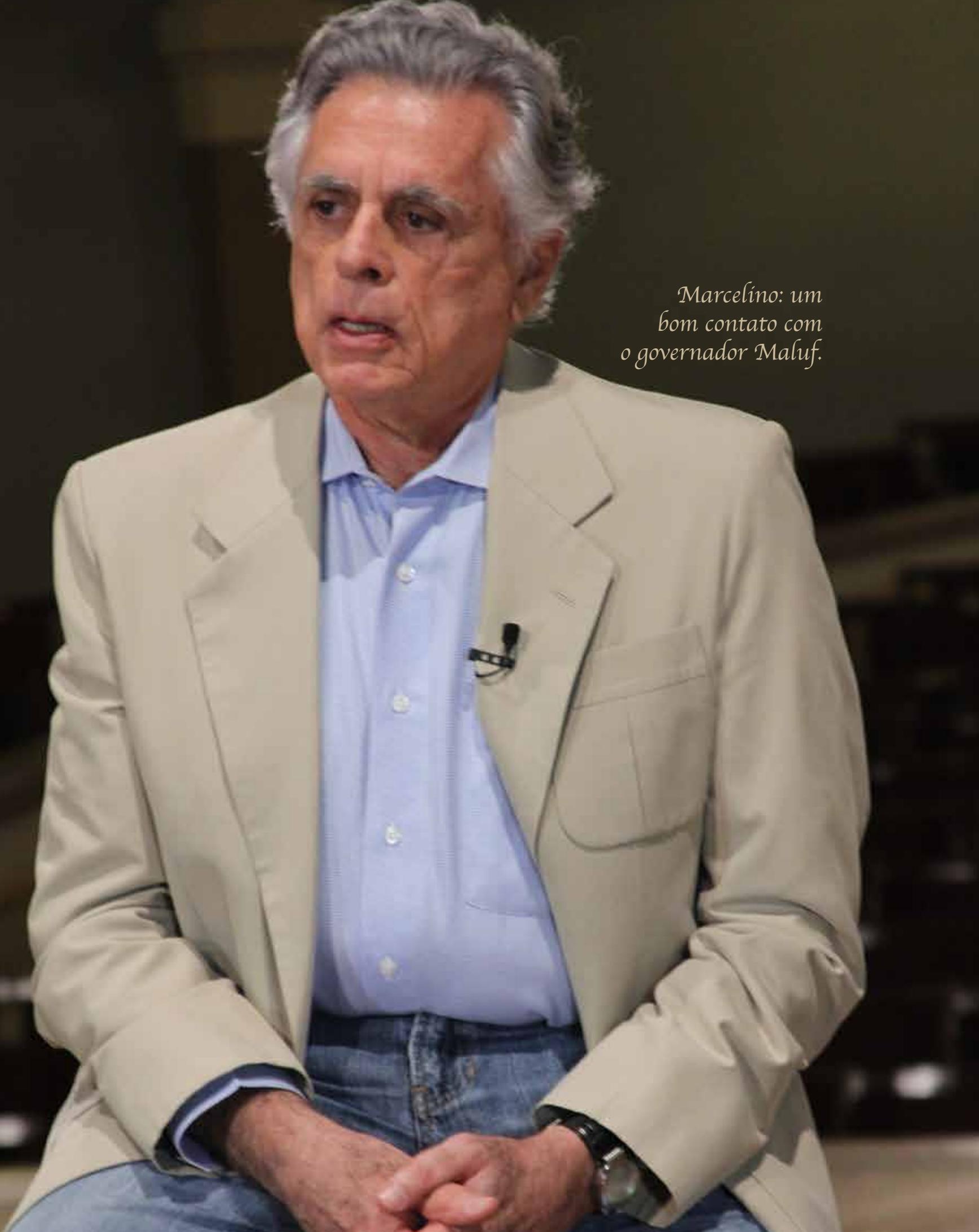
“Foi o segundo momento que eu chorei pelo Theatro Pedro II, porque no dia que terminou a cobertura feita pela Antarctica Niger, eu convidei a Gilda Montans e a Meire Genaro, para que tocassem a Ária na quarta corda. Elas tocaram no acordeon. E aquilo, para mim, é como se o Theatro tivesse renascido. E renasceu. Embora com uma quantidade de pessoas pequena, em torno de 30, parecia sentir a vibração de uma multidão, como se o Pedro II estivesse renascendo, o coração voltado a bater. Foi impossível não chorar de novo”.

E nas tantas peripécias por que passou nos anos de 1980, em nome do Pedro II, uma delas não poderia deixar de ser contada, justamente porque esta levou Corauci a chorar pela terceira vez. Já deputado estadu-

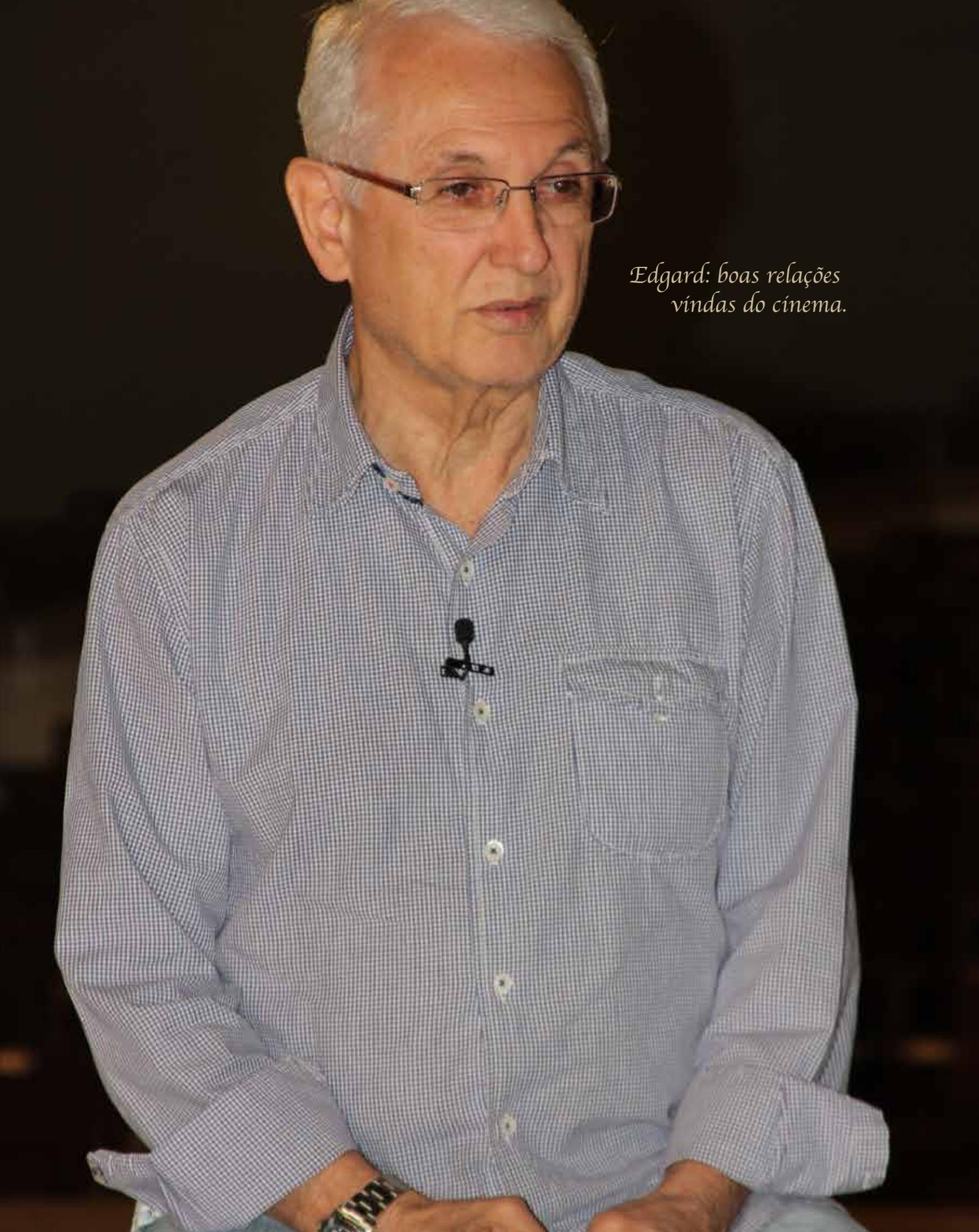
al, ele iniciou um contato intenso com o então governador Orestes Quércia, em nome dos segmentos culturais de Ribeirão Preto e dos demais deputados da cidade. Sua insistência era tanta que Quércia, quando o recebia, de pronto dizia: “Não vai me falar do Theatro Pedro II. Eu já sei, eu já sei, estou aguardando um momento certo para fazer isso!”.

O momento que ele e tantos outros aguardavam veio de forma enigmática, tendo o governador apenas exigido que se convidassem autoridades da cidade, os demais deputados e aqueles que achassem conveniente, para participar de uma cerimônia no Salão Nobre do Palácio dos Bandeirantes. O assunto seria revelado na ocasião. Embora não se recorde o dia, apenas o ano de 1989, a tão almejada notícia surgiu da boca do governador, de modo certo: “Eu vou desapropriar o Theatro Pedro II e vou dar imediata emissão de posse para a Prefeitura de Ribeirão Preto, para que ela possa, ao longo dos anos, restaurar o Theatro, mas a posse é imediata”. Passando a ser “nosso”, como mencionou, suas lágrimas rolaram.

Corauci já tinha informado que chorou pelo Pedro II por quatro vezes. A quarta e derradeira, era quase sabida de antemão. Difícil não imaginar que ele, dentro do prédio restaurado, com seus ornamentos como de antigamente, a imponente cortina vermelha abrindo-se para dar início a uma nova era do Theatro, não tenha se emocionado. Assim como foi com todos que participaram desta história.



Marcelino: um bom contato com o governador Maluf.



*Edgard: boas relações
vindas do cinema.*

As articulações políticas a serviço do Pedro II

*Marcelino Romano Machado
Edgard de Castro*

Marcelino Romano Machado e Edgard de Castro, dois homens, duas figuras públicas, juntas nas veredas destas páginas. Esta crônica une as lembranças de um com o outro, justamente porque as memórias deles já se tornaram coletivas e, nesse comum acordo de recordar, se encontram umas com as outras; distanciam-se nos fatos, mas se aproximam nas intenções; percorrem diferentes lugares, mas se encontram nas soluções; diferem entre seus personagens, mas buscam contribuir para a mudança do curso da história do Theatro Pedro II.

Como não poderia deixar de ser, o início delas se dá ainda na meninice. Coisa bonita esta das figuras experientes em trazer o Pedro II, ancorado nas experiências daquela idade mais tenra e terna.

Nascido no centro e ligado umbilicalmente a este, Edgard nos conta das suas trocas de gibis e da frequência às matinês, com os seriados de tudo quanto é tipo. Na memória, não lhe faltam recordações do Flash Gordon, falando entusiasmado. Aliás, depois dessa dupla menção, dá até vontade de assistir para alguns, ou reassistir para outros, as aventuras de Flash, Dale Arden e a princesa Aura.

Na época, já não era tão teatro o Theatro Pedro II, os filmes tomavam conta, oferta

garantida de entretenimento, e a garotada enlouquecia na sala de cinema, que deveria ter o maior pé direito da época. A Tabacaria Sampaio, que ficava dentro do Theatro, vem dos lábios de Edgard com um ar gracioso, logo explicado: “Tinha um bonequinho que ficava assim o tempo inteiro”. E, em meio a tudo isso, a impressão do menino era de imponência, “pela sua majestade, pela sua obra, sua arquitetura, enfim...”.

Marcelino lembra-se, como Edgard e os outros nestas páginas, da troca de gibi, das matinês. Mas ter vivido uma semana inteira de espetáculos da Companhia de Teatro de Procópio Ferreira, torna saudosa sua fala. “Eu não perdi nenhum dia!”. Assistiu o próprio Procópio nestas paragens, assim como uma de suas tantas esposas e a eterna Bibi Ferreira, ainda na mocidade. Todo elenco “era muito bom, muito competente!”, tendo interpretado *As Mãos de Eurídice*, *Deus lhe pague*, entre outras.

No passar do tempo, espetáculos de referência como esses diminuíram em quantidade, as transformações internas no prédio faziam com que os mais antigos perdessem as referências daquela majestosidade de outrora. Os tapumes e lambris de madeiras, assim como a ausência de acesso aos balcões superiores do Theatro, estão ainda presen-

tes nas lembranças de Marcelino.

Em meio a isso, ele nos conta do surgimento de um “movimento para que o Theatro fosse vendido e alguns fatos aconteceram, inclusive, com publicação de alguns jornais da época, que existiam empresas, inclusive, da área financeira que queriam comprar”. As incertezas maiores eram quanto ao destino do prédio, se iriam derrubar, se iriam construir um prédio novo.

Na época, como diretor do jornal O Diário, Marcelino não deixa de se lembrar do jornalista Antonio Carlos Santana, dono de um trabalho muito perfeito sobre as querelas todas que já envolviam o destino do prédio. Essa movimentação acabou ecoando no trabalho da Câmara. Pouco tempo depois, o então vereador, Flávio Condeixa Favaretto apresentou uma lei de proteção especial ao edifício, em março de 1973, que foi promulgada pelo então prefeito, Welson Gasparini, em 8 de junho do mesmo ano⁴⁸.

Para Marcelino, mesmo a imprensa tendo sido uma das primeiras forças sociais a encampar a luta contra a decadência do Theatro, o resultado foi insuficiente para impedir o incêndio. Sobre este, dimensiona: “Nos causou muita tristeza”. O sentimento foi o mesmo para Edgard, “foi uma coisa muito triste, muito dolorosa”, resgatando a imagens das chamas consumindo o prédio.

Depois do impacto do ocorrido, os ânimos começaram a se alinhar, possibilitando o surgimento de um movimento pela preservação e reintegração das funções

culturais do Theatro, intitulado Soma. Embora Marcelino tenha tomado ciência do movimento apenas quando chegara à cidade, em uma visita de rotina, assistiu o noticiário na TV, no qual um dos diretores da Cia. Antarctica (Roberto Gusmão) dizia que o movimento feito na esplanada não deveria ser feito em Ribeirão Preto, mas na porta do Governo do Estado.

Então, na segunda edição do Soma, em maio de 1981⁴⁹, lembra-se que, após não ser tão bem recebido pelos que ali estavam presentes, acabou sendo aplaudido com seu pronunciamento. Pudera, trouxe a notícia direto do governador de que, se a Cia. Antarctica fizesse a doação à Prefeitura, em 30 dias, o Estado iria “começar as obras de restauração”, responsabilizando a cervejaria pela tomada de decisão inicial.

Num lampejo e outro, Marcelino, já eleito deputado estadual, conta-nos também do trabalho feito junto ao Condephaat em nome do Pedro II. “Fui até ao secretário [da cultura] da época, Cunha Bueno, pedir urgência neste tombamento que era o Theatro Pedro II, até pelo risco que ele corria, de ser vendido, de ninguém saber qual destino poderia ser dado”. Cunha Bueno, mesmo esclarecendo sua impossibilidade de interferir no andamento dos trabalhos do conselho, deu a preciosa dica: sensibilizar o responsável pelo aceleramento do processo, o que felizmente acabou acontecendo. E a assinatura do decreto de tombamento, com o secretário de Estado presente, foi feita na